

## Artigo de opinião

# MARCO DE TOUROS: DESPEJADO DA FORTALEZA DOS REIS MAGOS

Ana Maria Castro da Silva<sup>1</sup>

O Marco de Touros, monumento histórico mais antigo do Brasil e das Américas é um testemunho da política expansionista de Portugal sobre as terras descobertas. Os marcos ou “padrões de pedra”, era uma particularidade dos portugueses, com o objetivo de legitimar e oficializar a tomada de posse dos territórios que descobriam. Nesse sentido, o local escolhido para o chantamento (colocar, fincar na praia) do primeiro marco de posse, foi a costa de Touros, mais conhecida como praia de Touros.

O referido local coincide com a descrição da viagem de Américo Vespúcio e Gaspar de Lemos, navegadores portugueses, na expedição de 1501, em carta enviada ao banqueiro florentino, Pietro Soderini, em “LETERRA”, informando que a expedição, tocara em terra, além da equinocial, 5° de latitude sul. A costa de Touros, no passado, abrangia uma extensa área de terras, que ia de Barra de Maxaranguape até a praia de Guamaré. Mas com a criação de novos municípios dentro dessa faixa de terra, o local do chantamento do Marco de Touros hoje, está situado entre os limites dos municípios de Pedra Grande e São Miguel do Gostoso no Rio Grande do Norte, em uma localidade conhecida, atualmente, como Praia do Marco.

Por muitos séculos do chantamento inicial, até as primeiras décadas do século XX, em 1928, quase não se tinha notícias sobre o Marco de Touros. Naquele ano, os historiadores Luís da Câmara Cascudo e Nestor dos Santos Lima, numa missão, representando o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHG/RN), foram verificar *in loco*, se o Marco de Touros, realmente existia e para confirmar as especulações de sua existência. Comprovou-se que o Marco de Touros existia sim. No entanto, estava sendo cultuado pelas comunidades do entorno da Praia do Marco, como se fosse “santo”, em razão disso, o chamam até hoje, de “santo cruzeiro”. O culto ao Marco

---

<sup>1</sup> Historiadora, graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Escritora e Especialista em Metodologia do Ensino e da Pesquisa histórica (UFRN). Professora de História do Estado do Rio Grande do Norte.

surgiu em decorrência da falta de conhecimento das características da pedra, das inscrições nela contidas, como por exemplo, a cruz que representa o símbolo da Ordem de Cristo.

Esses fatores levaram as comunidades a crer que o Marco era realmente divino, vindo especialmente de Deus para eles. O culto ao marco, contempla uma capela, as missas, as promessas, os terços, os ex-votos e a preservação de um antigo cemitério de remanescentes de populações tradicionais antigas, que habitavam o lugar. Ressaltando que, todos esses elementos estão localizados na orla da Praia do Marco.

É nesse universo místico que o Marco de Touros, foi RESSIGNIFICADO, transformou-se de objeto de importância histórica, em objeto de valor religioso.

Esse posicionamento, até hoje, passou a ser condenado muito fortemente pelos meios culturais do Estado do Rio Grande do Norte. A “ignorância” foi condenada ferozmente por muitos dos nossos intelectuais, sendo o fato visto como uma aberração histórica. Mais uma vez o choque de culturas se manifesta de um lado, o rigor científico, o conhecimento elaborado, o saber representado pelos intelectuais; e do outro a sabedoria popular, o senso comum, o saber prático dos antigos remanescentes de populações tradicionais que habitavam as comunidades do universo geográfico da Praia do Marco.

Na Praia do Marco, existe uma réplica do marco de Touros, que mantém a tradição viva, os mitos, a crença do povo e reforça a ideia de que a ação religiosa dos habitantes do lugar preservou um patrimônio que, de outra forma, teria sido relegado ao esquecimento e/ou à destruição.

No ano de 1976, o Sr. Oswaldo Câmara de Souza, representado o IPHAN/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio Grande do Norte, determinou a retirada forçada do Marco de Touros, da Praia do Marco e levado para as dependências da Fortaleza dos Reis Magos, em Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte.

No início da década de 1990, mais precisamente em 1994, nasce o Movimento “Pró-volta do Marco”, com a fundação da Associação dos Moradores e Amigos de Cauã (AMAC), que é uma entidade da sociedade civil, sem fins lucrativos, com sede no povoado de Cauã, no município de Pedra Grande/RN. A AMAC, foi criada com o objetivo de divulgar o Marco de Touros e de promover o Desenvolvimento Social e Humano da Comunidade de Cauã e de todo o entorno da Praia do Marco.

Nesse movimento de importância cultural, histórica e social, visando promover ações, cujo objetivo é a volta do Marco de Touros para a região: como a construção de um Memorial para abrigar o Marco de Touros, e de sua história, de todo acervo de referência

da História e da Cultura do Brasil e do Rio Grande do Norte. Para esse fim, foi pensado que poderia ser usado o projeto arquitetônico original, do arquiteto norte-rio-grandense, João Maurício Fernandes de Miranda. Para o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o Marco de Touros é um bem nacional, tombado através de lei federal e que só sairia da Fortaleza dos Reis Magos para o seu local de origem, mas para isso, precisaria ter garantias de segurança e acessibilidade, publicado em junho de 1997. Infelizmente! O tempo passou! E, em 2020, o Marco de Touros foi retirado da Fortaleza dos Reis Magos e guardado em uma sala fechada, no Museu Câmara Cascudo, em Natal/RN. Como relíquia, sem visitação pública, e só através de agendamento e acompanhado por um funcionário do Museu. Vale a pena? O que fazer para mudar isso? O Marco de Touros, foi retirado da Fortaleza dos Reis Magos. Com isso, um grande precedente se abre, para que o Governo do Estado do Rio Grande do Norte e os municípios, de Touros, Pedra Grande e São Miguel do Gostoso/RN, se mobilizem em favor da volta do Marco de Touros, ao seu lugar de origem.

Um monumento, deslocado do seu universo histórico e social, está destinado ao esquecimento. A importância de mantê-lo no lugar de origem significa uma ligação entre histórico e social representado aqui pelo Marco de Touros e pelas comunidades que fazem parte da Praia do Marco. O Marco de Touros, visto fora do seu contexto, não desperta no visitante ou espectador o interesse histórico nem a curiosidade que o monumento representa. (CASTRO, 1998, P. 11).

O Governo do Estado do Rio Grande do Norte está promovendo, mais uma vez a Interiorização do Turismo, do “Turismo Regional”, da valorização das raízes. Incluindo nesse projeto; inclusive o Turismo de Contemplação de baleias! Não estamos aqui desaprovando as referidas ações. As baleias, são um bem precioso, merece todo o nosso respeito! Estão voltando aos nossos mares, devido a proibição da caça predatória de baleia e a conscientização da população na preservação das espécies. Mas, o Governo do Estado do Rio Grande do Norte, precisa ser mais enfático na promoção de ações afirmativas, estruturantes e definitivas para o desenvolvimento do Turismo em todo o Estado do Rio Grande do Norte. Pensar, de imediato em promover junto aos municípios da “Costa de Touros”, as possibilidades para a volta do Marco de Touros, ao seu lugar de origem. Em uma conversa informal com o Secretário de Turismo de Touros da gestão anterior, Fernando Rocha, ele desabafou:

O Marco de Touros, tem sido um monumento sem nenhum prestígio aqui mesmo no Rio Grande do Norte, imagine nacionalmente! está apagado! Se voltar ao seu local de origem, claro, que com toda segurança que merece, terá uma relevância altíssima, terá de volta o verdadeiro valor, como o documento mais antigo do Brasil e das Américas (informação verbal).

Tal conjectura nos faz recordar das palavras do ilustre Câmara Cascudo:

O precioso da História Contemporânea é a documentação para o futuro e não o juízo decisivo e peremptório. Todos os contemporâneos, para o bem e para o mal, são testemunhos de vistas, indispensáveis e ricas de notícias. Testemunhas e não juízes e advogados. Todos testemunhas. O futuro estudará, confrontará e dará sentença. Muita gente pensa que a História é uma velhinha amável e covarde que aceita, por preguiça e senectude, as decisões dos contemporâneos. Todos nos julgamos escrever a História quando apenas escrevemos para a História (CASCUDO, 1947).

Em suma, finalizo esse artigo de opinião partilhando das palavras de Tânia Teixeira (2013), a qual fala que “A cultura é a capacidade que o homem adquire ao perceber tudo ao seu redor e saber tirar proveito disso” (TEXEIRA, 2013). Portanto, a preservação da história de um município é uma forma de honrar a memória das pessoas e eventos que ajudaram a moldar a comunidade. Ao manter viva a memória do Marco de Touros, os habitantes daquela localidade podem se sentir mais conectados com sua história, assim, valorizando sua identidade local.

## REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Natal: Prefeitura Municipal, 1947 [Apresentação].

CASTRO, Ana Maria da Silva. **O Rio Grande do Norte: na rota das Grandes Navegações**. São Miguel do Gostoso: AMAC –Associação dos Moradores e Amigos de Cauã, 1998.

TEIXEIRA, Tânia Maria da Fonseca. **Arraial do Marco: nosso Porto Seguro**. Natal: Editora STS, 2013.